

NA MIRA DO INIMIGO



Em 1959, pelotão francês combate os guerrilheiros da Frente de Libertação Nacional, que lutam pela independência da Argélia. O recém-chegado Tenente Terrien (Magimel), que lidera o pelotão francês, logo se vê diante dos horrores de uma guerrilha cruel e implacável, ao mesmo tempo em que descobre que seus compatriotas podem ser tão selvagens quanto aqueles que ele combate, levando-o a questionar a moralidade daquela guerra.

Considerado como o “Platoon francês”, “Na Mira do Inimigo” é certamente um dos melhores filmes do gênero já feitos. História consistente e bem conduzida, excelente roteiro, bons atores, belas imagens, muita ação, ótimos efeitos especiais e equipamento correto. Fica até difícil achar um defeito neste filme.

Até mesmo a irônica situação de que muitos dos guerrilheiros haviam lutado pela França na 2ª Guerra Mundial foi muito bem explorada. O drama pessoal de Terrien, que no início se apresenta como um humanista, mas que, por fim, não consegue mais se reconhecer como um homem civilizado, nos dá uma visão da bestialidade universal da guerra. Florent-Emilio Siri parece ter feito questão de manter uma espécie de neutralidade: nenhum dos lados é glorificado – não existem “mocinhos”, todos são “vilões”.

Enfim, “Na Mira do Inimigo” é um ótimo filme, em todos os sentidos, e altamente recomendável, além de lançar uma nova luz sobre um episódio histórico tão pouco explorado.

FICHA TÉCNICA:

Título Original: “L'Ennemi Intime”.

Elenco: Benoît Magimel, Albert Dupontel, Aurélien Recoing, Marc Barbé e Lounès Tazairt.

Diretor: Florent-Emilio Siri

Ano: 2007.

Classificação do SOMNIUM:



CURIOSIDADES:

- A ideia do filme surgiu durante um almoço, numa conversa entre o ator Benoît Magimel e o documentarista Patrick Rotman. Magimel declarou o seu desejo de fazer um filme baseado na guerra da Argélia. Coincidentemente, Rotman estava trabalhando em um documentário sobre o assunto, intitulado “L'Ennemi Intime”, e conversou com seu amigo, o diretor Florent-Emilio Siri, sobre a possibilidade de adaptá-lo para uma obra de ficção.
- Apesar de Florent-Emilio Siri afirmar que o filme é puramente uma obra de ficção, o roteirista Patrick Rotman confirmou que ele é quase todo inspirado em histórias que ele apurou enquanto trabalhava em seu documentário.
- Quando Albert Dupontel foi sondado pela primeira vez para o papel do sargento Dougnac, ele recusou, pois percebeu que o personagem (que seria então um torturador de prisioneiros) seria “muito negativo” para a sua imagem. Florent-Emilio Siri decidiu então reescrever o personagem de forma mais humana, uma vez que ele considerava que apenas Dupontel poderia fazer justiça ao papel.
- Florent-Emilio Siri inicialmente queria filmar em Kabylie (Argélia), onde os fatos realmente ocorreram, mas desistiu da ideia e decidiu filmar no Marrocos quando ele percebeu que a região não dispunha de qualquer infraestrutura capaz de dar suporte a uma produção.
- A equipe de produção levou dois meses para selecionar as locações no Marrocos.

FUROS:

- Quando Said (Lounès Tazairt) mostra a cicatriz no peito, diz que ganhou o ferimento durante a batalha de Monte Cassino, a 18 de maio de 1943. Erro primário. Nessa data, os aliados nem sequer haviam invadido a Itália. A data correta da queda de Monte Cassino foi 18 de maio de 1944, um ano depois.
- Logo em seguida, Dougnac (Dupontel) declara que os franceses haviam conquistado o monte após americanos, ingleses, neozelandeses e poloneses terem falhado. Festival de bobagens. Foram os poloneses que finalmente conquistaram o monte – os franceses nunca atacaram Monte Cassino.